

Diversão & Arte

UDI GRUDI COMPLETA 40 ANOS COM PROGRAMAÇÃO QUE TEM CONCERTO, PERFORMANCE, CIRCO E O PARQUE SONORO DIVERSOM, NO QUAL OS BRINQUEDOS SÃO INSTRUMENTOS MUSICAIS

» NAHIMA MACIEL

Tudo aconteceu porque um grupo de amigos queria fazer palhaçadas. Era 1982 quando as companhias Ideia colorida e Circo sem lona juntaram os trapos para criar o espetáculo *Circo Udi Grudi*, apresentado no então Teatro Galpão. Na cena, o palhaço Burrocácio tentava impedir a atuação dos companheiros, mas fracassava. A apresentação foi um sucesso e Udi Grudi saiu do título do espetáculo para dar nome ao grupo formado por Marcelo Beré, Luciano Porto e Márcio Vieira, mais conhecido como Mació. É esse encontro ocorrido há 40 anos que eles celebram neste domingo com a abertura do parque DiverSom e uma programação que tem concerto e apresentações com vários convidados.

A celebração começa com o DiverSom, aberto ao público no gramado entre o Teatro Plínio Marcos e o estacionamento do Eixo Cultural Ibero-americano. Criado por Mació e Luciano Porto, o parque consiste em seis brinquedos tradicionais para crianças com um diferencial: todos produzem sons acústicos e não eletrônicos, como é comum em parques de diversões. Os criadores gostam de chamar as engenhocas de instrumentos musicais. Todos são acionados pelo movimento. Três gangorras, quando embaladas, disparam uma cascata de bolinhas de gude que

tocam tubos afinados em uma escala harmônica pentatônica.

Um escorregador vem acoplado a um carrilhão microtonal: ao escorregar, a criança aciona e toca as 25 notas desafinadas do carrilhão. O som lembra uma escala sonora tocada em glissando. Um dos balanços aciona uma lira que toca uma escala pentatônica, outro aciona uma violinha. E o rema rema, a novidade do parque, tem som que se a s s e - m e -

lha a um brejo de sapos e grilos. “É um som muito curioso, cabem cinco brincantes ao mesmo tempo. E temos um trepa trepa, um castelo sonoro no qual o brincante pode tocar três instrumentos percussivos melódicos, um feito de cano, uma marimba e um carrilhão”, avisa Luciano Porto. “Isso proporciona uma facilidade para as crianças e para quem está brincando de brincar de tocar música de verdade. O parque tem essas duas ideias: de produzir o som por meio do movimento da criança e fazer com que ela se movimente.”

O parquinho foi criado em 2011 e será o ponto de partida das comemorações dos 40 anos do grupo. “Nosso sonho é construir um parque sonoro permanente em Brasília, no Ana Lúcia. É um desafio. É

nosso carro-chefe agora”, conta Mació. Amanhã à tarde, eles realizam apresentações gratuitas do *ConSerto Excêntrico* no Teatro Plínio Marcos. Um misto de performance, concerto e circo teatral, o espetáculo terá acompanhamento da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro e participação dos convidados Nonato Vêras, Janette Dormellas e Mateus Ferrari.

O grupo compôs até uma música para celebrar as quatro décadas. *O conto dos 40* é um samba de breque que também faz parte do repertório do *ConSerto Excêntrico*. “Vai ser muito legal de montar. Vai ser muito especial. Estamos juntando toda a parafernália excêntrica dos instrumentos do Udi Grudi com os intérpretes intrépidos, que são os convidados especiais, que vão tocar com orquestra esse concerto excêntrico que é uma apresentação única”, avisa Beré. Os ingressos para o espetáculo estão esgotados, mas a trupe promete abrir fila de espera às 19h45.

PARQUE DIVERSOM

Hoje, no gramado entre o Teatro Plínio Marcos e o estacionamento do Eixo Cultural Ibero-americano. Visitação até 4 de junho. Acesso livre

CONCERTO EXCÊNTRICO

Amanhã, às 14h30, e terça-feira, às 9h30 e às 20h, no Teatro Plínio Marcos. Ingressos via Sympla.

PALHACARIA

BALZAQUIANA

Mila Petri/Divulgação



O CANO — A ascensão do Udi Grudi começa com *O cano*, espetáculo criado em 1998 e selecionado, dois anos depois, para o Festival Fringe de Edimburgo, onde foi premiado com o Herald Angel Award. Dirigida por Leo Sykes, que passa a integrar o grupo no fim dos anos 1990, a montagem circulou por 20 países e fez o Udi Grudi rodar o mundo. Em cena, três palhaços interagem em um cenário transformado em instrumentos como se fosse um campo de construção. “Os palhaços vão tentar fazer as coisas certas e dá tudo errado. E vira tudo instrumento no final”, conta Beré. Ex-assistente de direção do dramaturgo Eugênio Barba, Leo Sykes foi responsável por levar ao grupo uma disciplina que acabou provocando o surgimento dos palhaços. “Ela provocava a gente a não ser a mesma coisa que a gente sempre foi. Essa provocação rendeu um palhaço muito especial para cada um de nós no *Cano* que ficou marcado pra sempre”, conta Beré, que respondia por Gorgônio.

O OVO — Feito em 2003 com cenário 100% reciclado, dos figurinos aos instrumentos, o espetáculo partiu de um desafio de trabalhar apenas com lixo. “Fomos pesquisando o que o lixo podia trazer em termos de inspiração para construção do espetáculo. Isso foi extremamente inspirador. A cortina de fundo do *Ovo* é feita com 5 mil sacolinhas de supermercado amarradas em uma rede de pescador”, conta Beré. No palco, os personagens circulam por um cenário meio apocalíptico em busca de coisas que não têm. O lixo acaba por substituir as necessidades em uma metáfora para a fome e o amor. *O ovo* ganhou o Prêmio Villanueva em Havana (Cuba).

Marcelo Dischinger/Divulgação



Udi Grudi/Divulgação



A CASA DO MESTRE ANDRÉ — Dirigido por Leo Sykes e realizado em 2007, o curta-metragem conta a história de um grupo de palhaços impedido de tocar na rua por um guarda. Com a ajuda de algumas crianças e do mestre André, eles conseguem apimentar os instrumentos e conquistam o guarda, que se entrega à brincadeira. O filme está disponível no YouTube e é um primeiro projeto de um investidor no qual o Udi Grudi tem a intenção de investir mais. “Temos quatro terabytes de imagem porque, desde 2002, a gente vem filmando tudo. Precisamos fazer um documentário e estamos procurando patrocínio”, garante Beré.

GURULINO

Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon

